



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 07, pp. 48421-48424, July, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.22374.07.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

EXPOSIÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES

Benedito Fernandes da Silva Filho¹, Victor Santana Barbosa da Silva², Anderson Jambeiro de Souza³, Vanda Palmarella Rodrigues⁴ and Hector Luiz Rodrigues Munaro⁵

¹Mestre. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié, Bahia, Brasil; ²Enfermeiro. UESB/Jequié, Bahia, Brasil; ³Mestre. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Bahia, Brasil; ^{4,5}Doutor(a). Docente da UESB/Jequié, Bahia, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 29th April, 2021
Received in revised form
08th May, 2021
Accepted 20th June, 2021
Published online 25th July, 2021

Key Words:

Comportamento do Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Sexo sem Proteção; Saúde do Adolescente.

*Corresponding author:

Benedito Fernandes da Silva Filho

ABSTRACT

Objetivo: Estimar a prevalência do uso de método preservativo sexual com relação ao estilo de vida e sua exposição as infecções sexualmente transmissíveis (IST) entre adolescentes escolares. **Métodos:** Foi utilizada análise secundária de banco de dados de um estudo transversal de base escolar, integrante de um monitoramento de comportamentos de risco em escolares da cidade de Jequié/BA, Brasil. A população deste estudo compreendeu 1.164 escolares de 98 turmas, de todas as 12 escolas públicas estaduais urbanas do município. **Resultados:** A maioria dos estudantes era do sexo feminino e apresentavam faixa etária inferior a 16 anos. O uso de tabaco foi evidenciado em 94,2 % (n=1097) da população em estudo. O fator comportamento de risco para IST, como variável de desfecho foi evidenciado como exposto às infecções sexualmente transmissíveis por 22,8% (n=266). **Conclusão:** O uso inconstante de preservativo durante as relações sexuais e o elevado uso de tabaco foram evidenciados como problemas de saúde. Destaca-se a necessidade de intensificar programas de atenção à saúde sexual e reprodutiva, além estratégias de prevenção, intervenção e tratamento de álcool e outras drogas entre os adolescentes escolares.

Copyright © 2021, Benedito Fernandes da Silva Filho et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Benedito Fernandes da Silva Filho, Victor Santana Barbosa da Silva, Anderson Jambeiro de Souza, Vanda Palmarella Rodrigues and Hector Luiz Rodrigues Munaro, 2021. "Exposição às infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes escolares", *International Journal of Development Research*, 11, (07), 48421-48424.

INTRODUCTION

A literatura se diferencia em relação ao conceito de adolescência, estipulando faixas etárias divergentes para este acontecimento. No Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil (ECA), a adolescência é o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade e para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência inicia na segunda década de vida do sujeito, indo dos 10 aos 19 anos de idade (Brasil, 1990; Ramiro *et al.*, 2019). Apontado como um espaço de tempo delicado no ciclo de vida de parte dos indivíduos, na adolescência acontecem alterações importantes no corpo, tanto de ordem física quanto social, emocional e mental. Tais modificações influenciam nas relações do indivíduo com o meio no qual está inserido, âmbito familiar, escolar, e amigos, e ainda na forma como o mesmo se compreende como ser humano (Brito *et al.*, 2016; Spindola *et al.*, 2020). Na fase da adolescência, é comum as indagações, reflexões existenciais e descobertas, havendo uma maior mobilização para inquietações e preocupações quando se refere ao comportamento sexual de risco e uso de drogas (Bertoli *et al.*, 2016; Castro Junior *et al.*, 2020). Justamente neste determinado intervalo da vida que existe uma maior predileção a alguns comportamentos de risco à saúde, dentre os quais, evidenciam o consumo de bebidas alcoólicas, drogas

ilícitas, tabaco e iniciação da atividade sexual precoce. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil (MS), tais comportamentos característicos são comuns na adolescência e estão associados, de forma direta ou indireta a uma elevada taxa de morbimortalidade (Brasil, 2019a; Spindola *et al.*, 2019). Um estudo feito na Colômbia em 2011, constatou que 41,1% dos adolescentes cometeram práticas sexuais sob o estado de alcoolismo, e 46,1 % sob efeito de substâncias psicoativas. Fato que deve ser levado em consideração, visto que estes dois elementos são ponderadamente cofatores que contribuem nos riscos para transmissão do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST) (Morales-Mesa *et al.*, 2014). Os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), realizada no Brasil em 2015, apontaram que 27,5% dos estudantes na série do 9º ano do ensino fundamental, manifestaram já ter tido relação sexual alguma vez na vida. Dos escolares do sexo feminino o percentual de que fazem parte deste grupo foi de 19,5%, enquanto para o grupo do sexo masculino o percentual chegou a 36,0 % (Oliveira *et al.*, 2017). Tais prevalências do uso ou não de preservativos nas relações sexuais tendem a influir nas condutas sexuais de maneira inter-relacionada e não de forma separada. Então existe a tentativa de compreender a interferência/ação concomitante desses comportamentos que indicam risco para a

aquisição de IST. Para o MS brasileiro, as IST são as contaminações causadas por bactérias, vírus ou outros microrganismos transmitidos, especialmente, pelo contato sexual, seja ele oral, anal ou vaginal, sem o uso de camisinha feminina ou masculina, com um indivíduo que esteja infectado (Brasil, 2019a; Neves *et al.*, 2017). No mundo, estima-se a ocorrência de aproximadamente um milhão de casos de IST por dia, entre clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase. A presença de uma IST, como sífilis ou gonorreia, aumenta consideravelmente o risco de adquirir ou transmitir a infecção pelo HIV (Brasil, 2019b; Spindola *et al.*, 2020). A sífilis tem sido cada vez mais inserida entre a faixa etária dos mais jovens da população brasileira, especialmente na população do sexo masculino. O que estabelece a necessidade de fortalecer as estratégias entre os setores da saúde e educação, abrangendo intervenções de prevenção nas escolas e ambientes de convivência juvenil (Brasil, 2019b; Spindola *et al.*, 2019). As condutas sexuais de risco são consideradas quando os envolvidos não lançam mão de medidas protetivas de barreira para afastar a possibilidade de gravidez indesejada e/ou resguarda-se de contaminação por IST (Chinazzo *et al.*, 2014; Brasil, 2019a). Este estudo tem como objetivo estimar a prevalência do uso de método preservativo sexual com relação ao estilo de vida e sua exposição às infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes escolares.

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se uma análise secundária de banco de dados de um estudo de base escolar transversal e descritivo analítico, integrante de um monitoramento de comportamentos de risco em escolares da cidade de Jequié – Bahia, Brasil. O município de Jequié se localiza na região Sudoeste do Estado, distante, aproximadamente, 370 km de Salvador, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,694, população estimada em 151.895 habitantes, 22.058 estudantes matriculados no ensino fundamental e 6.610 no ensino médio, segundo dados de 2015 (IBGE, 2019). A população do banco de dados compreendeu uma amostra de 3.040 escolares de 98 turmas, de todas as 12 escolas públicas estaduais urbanas do município, devidamente matriculados no ensino médio, nos turnos matutino e vespertino em 2015. O parâmetro para a determinação do tamanho da amostra foi a prevalência estimada do fenômeno que, devido ao número grande de variáveis a serem estudadas, foi de 50%. O intervalo de confiança foi de 95% e adotou-se erro máximo de três pontos percentuais. No entanto, como a amostra foi por conglomerados, para efeito do delineamento, multiplicou-se este valor por 1,5, ainda, 15% para os casos de perdas ou recusas. Foi utilizado um instrumento validado, Silva *et al.* (2013) e previamente testado, com bons índices de reprodutibilidade, o qual serviu de base para seleção da amostra no banco de dados disponibilizado.

As variáveis independentes foram:

- Sociodemográficas: sexo (masculino e feminino); faixa etária em anos completos (nove opções), sendo posteriormente dicotomizada em “< 16 anos” e “≥ 16 anos”; ocupação (três opções), posteriormente dicotomizada em “trabalha” e “não trabalha”; estado civil (três opções), dicotomizada em “solteiro(a)” e “casado(a)/outro”; série de estudo (1ª, 2ª e 3ª série); escolaridade da mãe (oito opções), dicotomizada em “< 8 anos de estudo” e “≥ 8 anos de estudo” e renda familiar mensal (quatro opções), categorizada em “< 2 salários mínimos” e “≥ 2 salários mínimos” (na época, um salário mínimo correspondia a R\$ 788,00).
- Estilo de Vida: consumo de álcool e tabaco atual, utilizando como critério o consumo, independente do número de doses ou cigarros dicotomizada em “sim” e “não”.

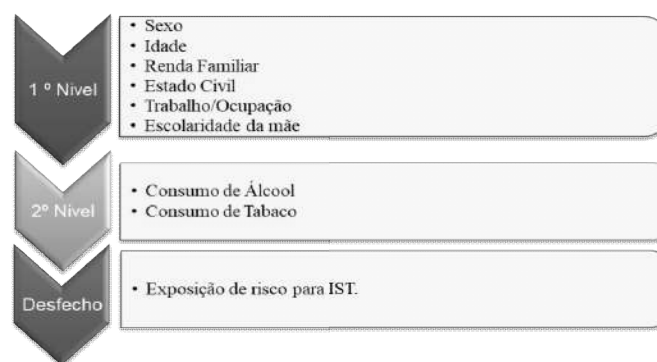
Neste estudo, a variável dependente ou desfecho (uso de preservativos) foi autorreferida pelos escolares, sendo: “Se você já teve relações sexuais, com que frequência você utiliza/utilizou preservativo (camisinha)?” (Silva *et al.*, 2013). Foram considerados expostos ao comportamento de risco, aqueles que responderam “às vezes” e “nunca” ao uso de preservativos. Utilizou-se a estatística

descritiva (frequência relativa e absoluta) e, para inferências, os testes do Qui-quadrado e Regressão de *Poisson*, com estimação robusta. A magnitude dos efeitos sobre a variável dependente foi medida pela Razão de Prevalência (RP) e Intervalo de Confiança (IC) de 95% de acordo com os pressupostos teóricos encontrados na literatura (Reichenheim e Coutinho, 2010), onde serão mantidas no modelo final as variáveis de confundimento com valor de $p < 0,20$. Foi verificado que os protocolos da pesquisa original, teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UESB, com o parecer de número 83.957/14.

RESULTADOS

Após análise do banco de dados com 3.040 escolares, a amostra elegível para população deste estudo compreendeu 1.164 (38,3%) escolares que declararam ter tido relação sexual alguma vez, das 98 turmas de todas as 12 escolas públicas estaduais urbanas do município de Jequié-Bahia. O intervalo de confiança foi de 95%. Para efeito de análise, foram agrupadas as variáveis que estão expostas na Figura 1.

MODELO HIERÁRQUICO DE ANÁLISE



Fonte: Elaboração dos autores.

Figura 1. Modelo hierárquico de análise para investigação da exposição de risco para IST em Escolares

A população da amostra tinha em seu grupo majoritário indivíduos do sexo feminino (57,9%); em relação à idade a maioria (52,1%) tinha menos que 16 anos (Tabela 1). No tocante à renda familiar verificou-se que 71,3% possuía renda familiar mensal inferior a dois salários-mínimos. A ocupação dos entrevistados constatou que 81,4 % dos participantes, não exercia atividade laboral remunerada (Tabela 1). Com relação aos anos de estudo da genitora, 62,0% possuíam tempo superior ou igual a 08 anos de estudo. Na variável estado civil, o maior grupo correspondeu aos solteiros (88,6%) (Tabela 1).

Tabela 1. Fatores sociodemográficos. Jequié, BA, 2020

VARIÁVEIS	%	N	IC (95%)
Sexo			
Feminino	57,9	674	55,1 – 60,7
Masculino	42,1	490	39,3 – 44,9
Idade (anos)			
<16	52,1	607	49,2 – 54,9
≥16	47,9	557	45,1 – 50,8
Renda Familiar Mensal (mínimos)			
<02 Salários	71,3	830	68,7 – 74,1
≥02 Salários	28,7	334	25,9 – 31,3
Estado Civil			
Solteiro	88,6	1031	86,8 – 90,4
Casado/Outros	11,4	133	9,6 – 13,2
Ocupação			
Não trabalha	81,4	947	79,0 – 83,8
Trabalha	18,6	217	15,2 – 21,0
Escolaridade da mãe (anos de estudo)			
< 08 anos	38,0	442	35,3 – 40,7
≥ 08 anos	62,0	722	59,3 – 64,7

(IC = intervalo de confiança); Fonte: Elaboração dos autores.

Em referência ao estilo de vida dos entrevistados, sobre o relato do consumo de álcool independentemente do número de doses, responderam de forma negativa 76,2%. Com relação ao referenciamento do consumo de tabaco independentemente do número de cigarros consumidos, chamou a atenção o valor de 94,2% do total de estudantes, que relataram ter feito uso de tabaco (Tabela 2).

Tabela 2. Estilo de Vida. Jequié, BA, 2020

VARIÁVEIS	%	N	IC (95%)
Consumo de Alcool			
Sim	23,8	277	21,3 – 26,0
Não	76,2	887	74,0 – 78,7
Consumo de Tabaco			
Sim	94,2	1097	93,0 – 95,7
Não	5,8	67	4,3 – 7,0
Comportamento de risco para IST			
Exposto	22,8	265	20,4 – 25,1
Não exposto	77,2	899	74,9 – 79,6

(IC = intervalo de confiança). Fonte: Elaboração dos autores

Ainda na análise da tabela 2, foram consideradas como variável dependente ou desfecho (uso de preservativos) autorreferida pelos escolares. Foram considerados expostos ao comportamento de risco, aqueles que responderam “às vezes” e “nunca” ao uso de preservativos, tendo como prevalência de 22,8% que se encontravam em situação de exposição para adquirir IST (Tabela 2).

DISCUSSÕES

Os resultados desta pesquisa apontam para o começo da vida sexual antes dos 16 anos de idade que foi prevalente entre os escolares participantes deste estudo, principalmente entre os do sexo feminino com um menor nível econômico e que não exercem alguma atividade remunerada. Em consonância com um estudo desenvolvido por Gonçalves *et al.* (2015), verificou-se o começo da vida sexual entre 10 e 14 anos. Tais dados indicam uma associação entre o início precoce das atividades sexuais e acontecimentos de algumas atitudes classificadas como de risco à saúde (Neves *et al.*, 2017). O início das atividades sexuais e amadurecimento das peculiaridades sexuais são algumas das relevantes modificações da adolescência. A literatura indica para uma fase da puberdade com uma idade mais precoce nos indivíduos, desta forma, existe a possibilidade de os adolescentes estarem expostos de alguma forma às circunstâncias de fragilidade e vulnerabilidade, compreendendo as condições de exposição e contágio por agentes causadores de IST (Ramiro *et al.*, 2019; Spindola *et al.*, 2020). Sasaki *et al.* (2015), concluíram em seu estudo que as adolescentes entrevistadas apresentaram maior possibilidade de usar preservativos de forma ocasional nas últimas três relações. Sendo demonstrada uma tendência linear seguindo o grau de escolarização materna.

No meio dos comportamentos e atitudes que sugerem risco na juventude, as atitudes sexuais desprotegidas apresentam números consideravelmente altos entre indivíduos com vida sexual ativa (Chinazzo *et al.*, 2014; Neves *et al.*, 2017). Em 2017, o Sistema Único de Saúde (SUS) gastou 2,8 milhões de dólares com procedimentos de médio e alto custo relacionados a IST, incluindo internações, dos quais um número significativo estava diretamente relacionado a sífilis e à sífilis congênita (Brasil, 2019b). Ainda comparando com o estudo de Sasaki *et al.* (2015), o grau de escolarização materna e a variável “Comportamento de risco para IST” sendo 22,8 % para o uso esporádico ou o não uso de preservativo nas relações sexuais, indica certa correlação entre as variáveis em ambos os casos. Porém não há como afirmar se o menor nível de escolaridade da mãe está atrelado à difusão de conhecimentos sobre o assunto para seus filhos, assim influenciando para uma diminuição dos comportamentos de riscos, reduzindo suas vulnerabilidades. A faixa etária da população que inicia a vida sexual entre os participantes desta pesquisa localiza-se em um período de vida no qual o adolescente não está totalmente em possibilidades de

conduzir situações em que tem a possibilidade de lhe trazer prejuízos de médio ou longo prazo, como por exemplo, iniciar a vida sexual apenas por curiosidade, sem estar à vontade consigo mesmo ou sem tomar as devidas medidas protetivas (Moreira e Bastos, 2015; Braga *et al.*, 2017). Os resultados desta pesquisa indicam que aproximadamente 50% dos escolares envolvidos estavam expostos a algum tipo de IST, dentre outros fatores como álcool e tabaco. Ramiro *et al.* (2019) afirmam que a associação entre relação sexual e o uso de tabaco, álcool ou outras drogas elevaram as chances do uso esporádico do preservativo. Fazendo uma analogia com o presente estudo, a alta prevalência do consumo de tabaco pelos escolares indicou certo risco para não utilização do uso de preservativo nas relações sexuais. Uma disparidade foi encontrada com relação ao uso de álcool em um estudo elaborado por Gonçalves *et al.* (2015) em que 58,6% dos adolescentes já haviam experimentado álcool, diferenciando-se do atual em que o uso do álcool foi consideravelmente baixo. E tal comportamento foi mais frequente entre as meninas (62,4%), que também relataram maior experimentação de fumo e uso de drogas ilícitas por amigos. Além de episódios de embriaguez que foi referido por 8,4% dos entrevistados e o sexo masculino apresentou maior frequência de envolvimento em brigas (Gonçalves *et al.*, 2015; Braga *et al.*, 2017).

CONCLUSÃO

Tomando por base que a adolescência é considerada um período crítico no ciclo de vida do indivíduo, na qual ocorrem importantes transformações por se tratar de um período de instabilidades biopsicossociais, os problemas relacionados ao exercício da sexualidade na adolescência, como a exposição às IST, a gravidez não planejada e o risco aumentado de comorbidades, demandam que seja proposto um novo modelo de atenção que vise, sobretudo, a promoção e a prevenção à saúde do adolescente. Salienta-se a relevância deste estudo para auxiliar a traçar o perfil dos escolares da rede pública de ensino em relação ao comportamento sexual de risco. Destaca-se um número elevado de participantes que já havia consumido tabaco ao menos uma vez na vida. Realça-se ainda a inconsistência no uso do preservativo durante as relações o que implica na ênfase do desenvolvimento de trabalhos educativos com a população desta faixa etária, através de atividades educativas, no intuito de propiciar maior conhecimento sobre o assunto e redução dos riscos para IST. Os fatores sociodemográficos não foram fortes preditores para comportamentos de risco, porém não devem ser negligenciados. Ratificando, a relevância de amplificar ações de saúde reprodutiva para esta faixa etária, e além da informação para esta temática, que se contemplem também outros diversos aspectos da vida do jovem, perpassando por questões emocionais, comportamentais, cognitivas, sentimentais e outros questionamentos que o adolescente vivencia nesta faixa etária.

REFERÊNCIAS

- Bertoli, R. S., Scheidmantel, C. E., e Carvalho, N. S. (2016). College students and HIV infection: a study of sexual behavior and vulnerabilities. *DST – J Bras Doenças Sex Transm.*, 28(3), pp. 90-95. DOI: 10.5533/DST-2177-8264-201628305
- Braga, D. E. M., Marques, J. C., e Alves, P. C. (2017). Suicídio na adolescência: uma revisão integrativa de literatura. *Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão*. Disponível em: http://flucianofejiao.com.br/novo/wp-content/uploads/2018/11/artigo_suicidio_na_adolescencia_uma_revisao_integrativa_de_literatura.pdf
- Brasil, Boletim Epidemiológico: HIV/Aids 2019 (2019a). *Ministério da Saúde*. Disponível online em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>
- Brasil, Boletim Epidemiológico: Sífilis 2019 (2019b). *Ministério da Saúde*. Disponível online em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-sifilis-2019>
- Brasil, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

- Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Disponível online em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Brito, B., Gordia, A., e Quadros, T. (2016). Estilo de vida de estudantes universitários: estudo de acompanhamento durante os dois primeiros anos do curso de graduação. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 49(4), pp. 293-302. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v49i4p293-302>
- Castro Júnior, A. R., Torres, R. A. M., Silva, L. M. S., Lima, L. L., Silva, M. R. F. & Marinho, M. N. A. S. B. (2020). Reflexiones acerca de la práctica clínica del enfermero junto com los jóvenes. *Cultura de los Cuidados (Edición digital)*, 24 (57) Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2020.57.147>
- Chinazzo, Í. R., Câmara, S. G., e Frantz, D.G. (2014). Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. *Psico-USF*, 19(1), pp. 1-12. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712014000100002>
- Gonçalves, H., Machado, E. C., Soares, A. L.G., Camargo-Figuera, F. A., Seerig, L. M., Mesenburg, M. A. et al. (2015). Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18(1), pp. 25-41. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54972015000100003>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2015. *IBGE*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie/panorama>
- Morales-Mesa, S. A., Arboleda-Álvarez, O.L., e Segura-Cardona, Á. M. (2014). Práticas sexuais de risco para HIV na população universitária. *Journal of Public Health*, 16 (1), pp. 27- 39. DOI: <https://dx.doi.org/10.15446/rsap.v16n1.30659>
- Moreira, L. C. O., e Bastos, P.R. H.O. (2015). Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), pp. 445-453. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>
- Neves, R. G., Wendt, A., Flores, T.R., Costa, C. S., Costa, F. S., Tovo-Rodrigues, L., e Nunes, B. P. (2017). Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), pp. 443-454. DOI: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742017000300003>
- Oliveira, M. M., Campos, M. O., Andreazzi, M. A., e Malta, D. C. (2017). Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), pp. 605-616. DOI: <https://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000300017>
- Ramiro, L., Reis, M., e Matos, M. G. (2019). Comportamentos sexuais de risco nos adolescentes: resultados do estudo HBSC 2018. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 10(1), pp. 149-158. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38154/1/Comportamentos_sexuais_HBSC.pdf
- eichenheim, M. E., e Coutinho, E. S. F. (2010). Measures and models for causal inference in cross-sectional studies: arguments for the appropriateness of the prevalence odds ratio and related logistic regression. *BMC Medical Research Methodology*, 10(1), pp. 66-77. DOI: <https://doi.org/10.1186/1471-2288-10-66>
- Sasaki, R.S. A., Leles, C. R., Malta, D. C., Sardinha, L. M.V., e Freire, M. C. M. (2015). Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(1), pp. 95-104. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.06332014>
- Silva, K. S., Lopes, A. S., Hoefelmann, L. P., Cabral, L. G. A., De-Bem, M. F. L., Barros, M. V. G., e Nahas, M. V. (2013). Health risk behaviors Project (COMPAC) in youth of the Santa Catarina State, Brazil: ethics and methodological aspects. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 15(1), pp. 1-15. DOI: <https://dx.doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n1p1>
- Spindola, T., Araújo, A. S. B., Brochado, E. J., Marinho, D. F. S., Martins, E. R. C., e Pereira, T. S. (2020). Práticas sexuais e o comportamento de jovens universitários frente à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. *Enfermería Global*, 58(1), pp. 120-130. DOI: <https://doi.org/10.6018/eglobal.382061>
- Spindola, T., Oliveira, C. S. R., Santana, R. S. C., Sodrê, C. P., André, N. L. N. O. e Brochado, E. J. (2019). Práticas Sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em Relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Rev Fund Care Online*, 11(5), pp. 1135-1141. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1135-1141>
